

L

AS ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS EM “VAI” DE IVAN ÂNGELO

ENUNCIATIVE STRATEGIES IN “VAI” BY IVAN ÂNGELO

Renata Cristina Duarte

Graduanda do curso de Letras, habilitação em Literatura pela Universidade de Franca (Unifran); bolsista do Projeto Observatório da Educação.

Vera Lucia Rodella Abriata

Docente do Mestrado em Linguística e do curso de Letras da Universidade de Franca (Unifran); doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp – Araraquara).

RESUMO

Este trabalho analisa o conto “Vai”, de Ivan Ângelo, do livro *O ladrão de sonhos e outras histórias*. O referencial teórico utilizado é a teoria semiótica francesa. No conto em questão, o contrato que determina o relacionamento amoroso do narrador com seu narratário está prestes a ser rompido, pois um antissujeito, o rival, se coloca entre eles. Dessa forma, o narrador, enquanto sujeito manipulador, exerce seu fazer persuasivo para convencer seu narratário sobre a validade do relacionamento. Objetivamos analisar a construção do narrador e do narratário, assim como as estratégias enunciativas utilizadas pelo narrador para persuadir o narratário a não abandoná-lo. A análise se inscreve no âmbito do projeto “Linguagens, códigos e tecnologias:

práticas de ensino de leitura e de escrita na educação básica – ensino fundamental e médio”.

Palavras-chave: narrador; narratário; estratégias enunciativas.

ABSTRACT

The object of this study is the short story “Vai”, by Ivan Ângelo, extracted from the book *O ladrão de sonhos e outras histórias*. The theoretical reference applied is the French semiotics. In this short story, the contract that determines the love relationship between the narrator and the narratee is about to be broken, because an anti-subject, the rival, is between them. The narrator, as the manipulator subject, will put in practice his persuasive performance to convince his narratee about the legitimacy of the relationship. Our aim is to analyze the construction of the narrator and the narratee, thus as the enunciative strategies used by the narrator to persuade the narratee not to leave him. The analysis is in the scope of the project named “Languages, codes and technologies: teaching practices of reading and writing in the basics education – elementary and high school education”.

Keywords: narrator; narratee; enunciative strategies.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte da nossa pesquisa de iniciação científica intitulada “O conto contemporâneo: práticas de leitura na sala de aula” e centra-se nas práticas de leitura e escrita que podem ser desenvolvidas em ambiente escolar.

Esta pesquisa se inscreve no âmbito do projeto “Linguagens, códigos e tecnologias: práticas de ensino de leitura e de escrita na educação básica – ensino fundamental e médio”, desenvolvido na Unifran e financiado pelo Observatório da Educação – parceria entre a Capes e o Inep. O objetivo da pesquisa é compreender, por um lado, o atual estatuto das práticas de leitura e escrita empreendidas no ambiente de sala de aula, e promover, por outro lado, a análise e produção de textos e discursos nos mais variados suportes e mídias, contribuindo com o rendimento dos discentes com relação às práticas de ensino de leitura e escrita.

O *corpus* desta análise é o conto “Vai” do autor brasileiro contemporâneo Ivan Ângelo. Esse conto foi selecionado por apresentar narração em primeira pessoa em focalização interna, com o objetivo de analisar especialmente a construção do narrador e do narratário e observar a relação entre o fazer persuasivo do enunciador e o fazer interpretativo do enunciatário.

O aparato teórico utilizado para a análise é a semiótica de linha francesa. De acordo com essa teoria, o enunciador e enunciatário são desdobramentos do sujeito da enunciação e cumprem papéis actanciais diferentes: um de destinador e outro de destinatário do texto. Dessa forma, o destinador se coloca como manipulador dos valores e dos modos de acesso ao discurso, enquanto o destinatário responde a esse fazer persuasivo do enunciador reelaborando o texto no ato de leitura.

O enunciador, ao produzir o texto enunciado, estabelece uma imagem

de si mesmo e uma imagem do enunciatário. Para adquirir conhecimento do fazer persuasivo do enunciador e do fazer interpretativo do enunciatário, precisamos, portanto, analisar a construção do texto enunciado, assim como a delegação de vozes do enunciador ao narrador que, por sua vez, pode dialogar com um narratário.

A análise se volta para o nível narrativo do percurso gerativo de sentido, especialmente para as fases de manipulação, de competência e de sanção da sequência canônica da narrativa. E também para a modalização do ser, observando o modo como a categoria da veridicção se manifesta no texto.

A relevância deste trabalho encontra-se na aplicabilidade desse conhecimento em salas de aula de língua portuguesa do ensino médio.

1 ASPECTOS TEÓRICOS

1.1 A ESTRUTURA DA ENUNCIÇÃO: O CONTRATO ENUNCIATIVO

A estrutura da enunciação comporta duas instâncias: a do enunciador e a do enunciatário. Enunciador é o destinador implícito da enunciação, distingue-se, portanto, do narrador, pois esse é um actante obtido pelo procedimento de debreagem, e instalado explicitamente no discurso. Por sua vez, enunciatário corresponde ao destinatário implícito da enunciação, diferenciando-se do narratário, reconhecível como tal no interior do enunciado.

De acordo com a teoria semiótica, entendemos que enunciador e enunciatário são desdobramentos do sujeito da enunciação e que cumprem papéis actanciais diferentes: um de destinador e outro de destinatário do texto. Dessa forma, o destinador se coloca como manipulador dos valores e dos modos de acesso ao discurso, enquanto o destinatário responde a esse fazer persuasivo do enunciador, não

de uma forma passiva, mas como um intérprete que recria o texto enunciado por meio de sua leitura.

A natureza do contrato enunciativo e dos valores que nele estão em jogo são objeto de reflexão de dois artigos de A. J. Greimas (1983, p. 103-133), constantes do livro *Du sens II*: “O contrato de veridicção” e “O saber e o crer: um só universo cognitivo”. Que valores são esses que entram em jogo na atividade enunciativa? Por que Greimas (1983, p. 105) denomina *contrato* à atividade enunciativa?

A resposta à primeira pergunta relaciona-se à problemática da verdade do discurso enunciado. Para elucidá-la, o semioticista (1983, p. 110) retoma a velha questão da diferença entre o verdadeiro e o verossímil, objeto de discussão desde a Antiguidade Clássica, e parte do pressuposto de que o discurso não precisa ser verdadeiro, mas, sim, que ele deve produzir o efeito de sentido de verdade.

Tal efeito de sentido de verdade relaciona-se a um contrato que se estabelece entre enunciador e enunciatário. Ao primeiro cabe utilizar estratégias que façam seu discurso parecer verdadeiro, o que não significa adequá-lo ao referente, mas manipulá-las no sentido de buscar a adesão do enunciatário a esse parecer verdadeiro. A esse contrato Greimas denomina “contrato de veridicção”:

O discurso é esse lugar frágil onde se inscrevem e se leem a verdade, a falsidade, a mentira e o segredo; esses modos da veridicção resultam da dupla contribuição do enunciador e do enunciatário, suas diferentes posições não se fixam senão sob a forma de um equilíbrio mais ou menos estável, proveniente de um acordo implícito entre os dois actantes da estrutura da comunicação. É esse acordo tácito que é designado pelo nome de contrato de veridicção. (GREIMAS, 1983, p. 105).

É importante lembrar a relevância que o semioticista atribui ao papel do destinatário do ato enunciativo, cuja adesão ao parecer verdadeiro, ou seja, ao simulacro de verdade construído no discurso, não depende

diretamente de seu universo axiológico, mas da representação que dele faz o enunciador.

Nesse sentido, Greimas (1983, p.111) dá ênfase ao saber sobre os valores em jogo entre enunciador e enunciatário na atividade enunciativa, que ele denomina *contrato*, justamente porque este se assenta na estrutura de troca entre parceiros. Ressalta, ainda, que o conhecimento do valor dos valores trocados no objeto discurso é que constitui o saber verdadeiro sobre tal objeto. Como se dá essa partilha?

Ela pressupõe, do lado do destinatário, o *fazer persuasivo* e, do lado do enunciatário, o *fazer interpretativo*. Explicita-se, por conseguinte, aqui, o caráter manipulatório da atividade enunciativa. Greimas considera que, na proposição do contrato, os dois discursos cognitivos do enunciador e do enunciatário constituem as *preliminares de troca* (GREIMAS, 1983, p. 111, grifo do autor). A partilha, entretanto, só se efetivará, realmente, ao término do contrato, dependendo da adesão *fiduciária* do enunciatário. Assim, o contrato de veridicção, embora se assente sobre os resultados do fazer cognitivo, é de natureza fiduciária, ou seja, relaciona-se à modalidade do crer.

O aprofundamento das pesquisas relativas à dimensão cognitiva dos discursos levou, portanto, os semioticistas a concluir que o processo comunicativo não se limitava a uma mera transferência de *saber*. Greimas (1983, p. 115), no artigo “O saber e o crer: um só universo cognitivo”, observa que a familiaridade dos semioticistas com os “sujeitos de papel”, levou-os a concluir que os sujeitos em situação de comunicação não eram neutros, mas dotados de uma competência modal variável. Assim, “o fazer-saber que presidia à comunicação intersubjetiva tornava-se um fazer persuasivo, tendo, do outro lado da cadeia, um fazer interpretativo correspondente e oposto”.

Como o processo de comunicação torna-se, pois, persuasivo? Para

Greimas, o *fazer saber*, pressuposto em todo ato comunicativo, deve ser entendido, primordialmente, como um *fazer crer*. O semioticista lituano cita George Dumézil que, atentando para os campos de significação do latim *credere* notou que ele cobria, em tempos remotos, os domínios, hoje separados, da crença e da confiança, em que a confiança entre os homens, estabelecida e mantida, fundava a confiança no dizer deles sobre as coisas e, finalmente, a confiança nas próprias coisas.

Procurando compreender a especificidade do fenômeno *crer* no quadro da comunicação intersubjetiva, Greimas observa que o primeiro passo seria substituir às instâncias neutras do emissor e do receptor os lugares do fazer persuasivo e do fazer interpretativo, procedimentos cognitivos que se rematam, no primeiro caso, por um *fazer crer* e, no segundo, pelo ato de *crer*, ou seja, pelo ato epistêmico.

Tal ato, em nível de sintaxe profunda do percurso gerativo de sentido, corresponde a uma transformação, ou seja, à passagem categórica de uma crença à outra: “- do que é *negado* ao que é *admitido*; - daquilo de que se *duvida* àquilo que se *aceita*”. (GREIMAS, 1983, p. 118)

Greimas menciona, ainda, a possibilidade da “narrativização” dessas transformações, já que é no nível antropomorfo que se situa o fazer interpretativo do sujeito que se procura convencer por meio da atividade enunciativa. Assim, afirma que uma operação cognitiva do tipo lógico-semântico pode apresentar-se, ao nível da sintaxe de superfície, como uma sequência de programas narrativos hierarquizados. Identifica, nesse nível, o fazer persuasivo à manipulação e o fazer interpretativo à sanção.

Devemos ressaltar que a manipulação, segundo Bertrand (2003, p. 296), designa o “campo da factitividade: o fazer fazer, que pressupõe um fazer crer, um fazer querer, ou dever, um fazer saber e um fazer

poder”. Já a sanção põe em cena um destinador julgador que, por sua vez, é dotado de um saber verdadeiro e do poder de fazê-lo valer (BERTRAND, 2033, p. 297).

Na fase de sanção do percurso de um sujeito a narrativa pode por em ação, segundo Fiorin (2006, p. 31) “um jogo de máscaras: segredos podem ser desvelados, mentiras precisam ser reveladas, etc. É nesse ponto da narrativa, por exemplo, que os falsos heróis são desmascarados e os verdadeiros são reconhecidos”.

Para nossa análise, devemos ainda ter em mente os conceitos de narrador e narratário que, em semiótica são definidos de acordo com a seguinte perspectiva:

Quando o destinador e o destinatário do discurso estão explicitamente instalados no enunciado, podem ser chamados narrador e narratário. Actantes da enunciação enunciada, são eles sujeitos diretamente delegados do enunciador e do enunciatário, e podem encontrar-se em sincretismo com um dos actantes do enunciado. (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 327).

É necessário também analisar, na construção do texto enunciado, a delegação de vozes do enunciador ao narrador que, por sua vez, pode dialogar com um narratário, num processo de debreagem interna. É importante lembrar, segundo Barros (1988, p. 75), que narrador e narratário são simulacros discursivos do enunciador e do enunciatário implícitos.

A MODALIZAÇÃO DO SER E AS CATEGORIAS DE VERIDICÇÃO

Para (2008, p. 45), dois aspectos devem ser examinados na modalização do ser. Primeiramente, a modalização veridictória, que determina a relação do sujeito com o objeto, a qual pode ser considerada verdadeira ou falsa, mentirosa ou secreta. Também deve ser

examinada a modalização pelo querer, dever, poder e saber, que incide especificamente sobre os valores investidos nos objetos.

Da perspectiva da semiótica, as modalidades alteram as relações do sujeito com os valores. A modalização é, portanto, a determinação sintática de enunciados: um enunciado modal modifica um enunciado descritivo. A modalização do ser ou modalização de enunciados de estado é o procedimento que atribui existência modal ao sujeito de estado:

A modalidade é um predicado que modifica outro predicado. Essa definição geral [...] é especificada na semiótica [...] A semiótica considera que a modalidade forma, tanto no nível da enunciação como no interior dos enunciados, o suporte constante do discurso. Falamos então em valor modal. Os enunciados elementares (enunciados de estado e enunciados de fazer) podem funcionar como enunciados modais, desnudando assim a estrutura interna do esquema narrativo: a manipulação é o fazer de um sujeito que modaliza o crer, o querer, o saber... e finalmente o fazer de um outro sujeito; a competência é o ser modalizando a possibilidade de fazer; a performance é o fazer que modaliza o ser; a sanção é o ser que modaliza o ser ou o parecer. (BERTRAND, 2003, p. 353).

De acordo com o semioticista francês, esses elementos permitem especificar o funcionamento das principais relações entre o sujeito e o objeto, entre objeto e valor, entre destinador e sujeito, e delinear seus respectivos percursos. Compreende-se a partir disso que um actante sujeito define-se, ao longo de seu percurso, por uma sequência modulável de modalidades.

O percurso narrativo do destinador manipulador, ou seja, do actante funcional que tem o papel de doador de valores modais, tanto determinará que valores serão visados pelos sujeitos, quanto dotará o sujeito manipulado de valores modais necessários à execução da ação (querer-fazer, dever-fazer, saber-fazer, poder-fazer). A fase de atribuição de competência modal constitui a manipulação, em que o

destinador propõe um contrato e exerce a persuasão para convencer o destinatário a aceitá-lo. Sendo assim, o fazer-persuasivo ou fazer-crer do destinador tem como contrapartida o fazer-interpretativo ou o crer do destinatário, de que decorre a aceitação ou a recusa do contrato proposto:

O crer, que funda assim, num mesmo gesto, a percepção e suas representações figurativas no discurso, dá acesso à problemática da veridicção. Esta descreve, não o cálculo dos valores da verdade, mas sim os jogos e as facetas de sua operação entre os sujeitos do discurso: simulação e dissimulação, verdade e falsidade, segredo e mentira, as quais comandam as formas de adesão (o contrato de veridicção). (BERTRAND, 2003, p. 261).

Instaura-se a questão da modalização veridictória, ou seja, substitui-se a questão da verdade pela da veridicção ou dizer verdadeiro. Isso porque o sentido apresenta-se na ordem da percepção ou ainda na própria leitura sob o modo do parecer. A veridicção faz dos valores de verdade o objeto de um jogo de linguagem.

Do ponto de vista de Bertrand (2003, p. 318) as modalidades veridictórias dizem respeito ao saber compartilhado ou não, isto é, às relações entre os sujeitos a respeito dos objetos que estão no seu horizonte de conhecimento comum. Essas modalidades são responsáveis, portanto, pela relação do sujeito com o objeto e irão fundamentar o contrato de veridicção, isto é, as condições da confiança advindas do compartilhamento das crenças entre os sujeitos. A modalização veridictória relaciona-se, enfim, ao fazer interpretativo:

A categoria de veridicção é constituída, percebe-se, pela colocação em relação de dois esquemas: o esquema *parecer/não parecer* é chamado de manifestação, o do *ser/não ser*, de imanência. É entre essas duas dimensões da existência que

atua o “jogo da verdade”: estabelecer, a partir da manifestação, a existência da imanência, é decidir sobre o ser do ser. (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 533).

Conforme Bertrand (2003, p. 241), a constituição do quadrado da veridicção se dá a partir da combinação dos valores de ser e parecer, e de suas negações. Essas combinações dão origem a uma segunda geração de termos complexos que demonstram que um critério de verdade depende de algumas trajetórias que conjugam também as noções de mentira, segredo e falsidade. Assim, quando há coincidência do *parecer* e do *ser* num universo de discurso, há *verdade*; a coincidência do *parecer* e do *não ser* define a *mentira*; a do *não parecer* e do *ser* define o *segredo*; enfim, a coincidência do *não parecer* e do *não ser* define a *falsidade*.

2 A ANÁLISE

“Quer ir? Vai. Eu não vou segurar.” (ÂNGELO, 2003, p.12). Esse é o enunciado de abertura do texto, objeto de nossa análise. Nas palavras de Barros (1988, p. 75), “Na enunciação-enunciada, o sujeito que diz *eu* denomina-se *narrador*, e o *tu*, por ele instalado, *narratário*, simulacros discursivos do enunciador e do enunciatário implícitos”. Há nesse trecho um processo de debreagem, ou seja, uma operação da sintaxe discursiva por meio da qual a enunciação projeta para fora de si termos ligados à sua estrutura de base, para assim constituir os elementos que servem de fundação ao enunciado-discurso.

Com a debreagem actorial cria-se o sujeito e a representação actorial do enunciado. Por se tratar de uma debreagem em primeira pessoa, denomina-se enunciativa. O efeito de sentido criado por esse tipo de debreagem é o de subjetividade e, por conseguinte, de proximidade da enunciação. Além disso, a debreagem é interna, pois simula a

situação de diálogo que se estabelece entre narrador e narratário, criando também o efeito de sentido de verdade.

Quer ir? Vai. Eu não vou segurar. Uma coisa que não dá certo é segurar uma pessoa contra a vontade, apelar pro lado emocional. De um jeito ou de outro isso vira contra a gente mais tarde: não fui porque você não deixou, ou: não fui porque você chorou. Sabe, existem umas harmonias em que é bom a gente não mexer. Estraga a música. Tem a hora dos violinos e tem a hora dos tambores. (ÂNGELO, 2003, p. 12).

O texto se inicia com a revelação do narrador “eu” que, como sujeito de estado, encontra-se na iminência de disjunção de seu objeto valor “namorada”, seu narratário, e ele explicita, pelo primeiro enunciado do texto, que ela está manipulada para “querer fazer”, ou seja, ela está prestes a “querer deixá-lo”.

Vale lembrar que em um programa narrativo, se um sujeito adquire um valor é porque outro provavelmente foi dele privado. Dessa forma, o contrato que determina o envolvimento amoroso entre o eu e a namorada está ameaçado, por um antissujeito, o rival, a quem o narrador alude ao longo do texto e que estaria também interessado por seu objeto-valor, a namorada.

O narrador é um sujeito virtual, modalizado pelo “querer fazer”, ou seja, manter o envolvimento amoroso com o seu narratário, e para isso, no papel de sujeito manipulador, tenta convencê-la sobre a validade de manutenção de seu relacionamento. É assim objetiva levar o narratário a “querer fazer”, ou seja, manter o contrato que determina a relação afetiva entre eles.

Ao analisar o percurso narrativo do “eu”, temos a impressão, em um primeiro momento, de que ele está valorizando a competência, ou seja, o “saber fazer” do sujeito, seu rival. Ao passo que parece desvalorizar a si próprio, pois confessa estar conjunto com o objeto modal “não saber fazer”. Assim, ele parece sancionar positivamente

o outro e estabelecer uma sanção negativa a seu próprio respeito. O outro seria, portanto, modalizado pelo “saber”, ao passo que ele seria um sujeito incompetente.

Ele faz tanta coisa melhor do que eu! Verdade. Tanta coisa que eu não aprendi por falta de tempo, de oportunidade – ora, pra que ficar me justificando? Não aprendi por falta de jeito, de talento, essa é que é a verdade. Eu sei ver as qualidades de uma pessoa, mesmo quando é um homem que vai roubar minha namorada. Roubar não: ganhar. (ÂNGELO, 2003, p. 12).

Na sequência do texto, o sujeito “eu” passa a estabelecer comparações entre si e o rival. Com a análise, é possível perceber que o processo de desconstrução da sua imagem é aparente, faz parte da estratégia enunciativa de manipulação do narratário que já estaria em dúvida na escolha que deveria fazer entre ele e seu rival.

Assim, ele parece exaltar a competência do antissujeito, suas habilidades na dança e nos esportes, contudo ele é irônico em relação a elas. Assim, ao falar das ações desse sujeito o narrador pretende ressaltar, na verdade, uma imagem negativa do rival.

Nesse sentido, ao desconstruir a imagem do rival, o eu almeja manipular o narratário que se encontra modalizado pelo “não saber” serem mentirosos os valores oferecidos pelo antissujeito. Ele objetiva manipular o narratário para levá-lo a “querer fazer”, ou seja, manter o envolvimento amoroso e não se deixar seduzir pela imagem do rival. “Compara. Ele dança muito bem, até chama a atenção. Campeão de natação, anda de bicicleta como um acrobata de circo, é bom de moto, sabe atirar, é fera no volante, caça e acha, monta a cavalo, mete o braço, pesca, veleja, mergulha... Não tem companhia melhor”. (ÂNGELO, 2003, p. 13).

Dessa forma, o traço semântico redundante que se nota nesse trecho é o “exibicionismo”, o qual se revela nas figuras “chama a aten-

ção” e “acrobata de circo”, que sugerem o início da desconstrução da imagem positiva que, supostamente, a namorada teria do outro. Tal exibicionismo estaria associado a uma sanção negativa do rival que, nesse sentido, seria narcisista e imaturo.

O eu enfatiza também o modo de ser violento do rival tanto no que diz respeito ao esporte do motociclismo, quanto ao da equitação, para sugerir que esse estado violento seria um atributo seu em qualquer situação:

Moto? Meu Deus, quem sou eu. Pra ser bom nisso é preciso ter aquele ar de quem vai passar roncando na frente ou por cima de todo mundo – e esse ar ele tem. Montar? É preciso ter essa certeza, que ele tem, de que cavalo foi feito pra ser domado, arreado, freado, ferrado e montado. (ÂNGELO, 2003, p. 13).

Ressalta-se aqui o modo de ser agressivo do antissujeito, pois, segundo o eu, aquele, quando dirige sua moto tem um ar de quem passa por cima de todo mundo. Revela ainda o desejo de dominação mórbida do objeto “cavalo” que deveria ser “domado, arreado, freado, ferrado e montado”. A reiteração das figuras que indiciam o maltrato ao animal visa a atribuir intensificação a sua maneira de ser violenta. Por outro lado, o eu, em outro momento, revela que não bate em mulher, sugerindo que essa atitude poderia ser a do antissujeito.

É interessante observar, no excerto abaixo, que o eu imbrica, por meio do sema velocidade, o campo semântico relacionado ao esporte automobilístico e o relativo ao ato sexual para novamente desconstruir a imagem do antissujeito.

O jeito como ele dirige um carro é humilhante. Já viajei com ele, encolhido e maravilhado. Você conhece o jeito, essa coisa da velocidade. Não vou ter nunca aquela noção de tempo, a decisão, o domínio que ele tem. Cada um na sua. Eu troquei a volúpia de chegar rapidinho pelo prazer de estar a caminho. No amor também. (ÂNGELO, 2003, p. 13).

Desse modo, sugere que o rival é violento ao dirigir e egocêntrico em termos de relação afetiva, não se importando com o prazer do outro em termos de encontro sexual. Assim, enquanto ele, o eu, seria aquele que se preocuparia com o prazer da companheira, o rival seria voluptuoso e rápido, importando-se apenas com seu próprio prazer.

Por outro lado, ao tecer comparações com a sua forma de agir nas duas esferas, o sujeito narrador revela preocupar-se com o outro e também com o seu prazer ao afirmar “Eu troquei a volúpia de chegar rapidinho pelo prazer de estar a caminho. No amor também”.

A imaturidade do antissujeito, contraposta à maturidade do eu é outro aspecto da personalidade de ambos que o narrador sugere:

Outra coisa: ele é mais engraçado do que eu. Fala mais alto, ri mais à vontade, às vezes chama até um pouco a atenção, mas... é da idade. Lembra aquela vez que ele levou um urubu e soltou na igreja no casamento do Carlinhos? E aquela vez que ele sujou de cocô de cachorro as maçanetas dos carros estacionados na porta da boate? Lembra que sucesso? Os jornais falaram por dias naquilo. Não consigo ser engraçado assim. Não tá em mim. Por isso que eu não tenho mágoa. Ele é muito mais divertido. (ÂNGELO, 2003, p. 13).

No entanto, observa-se que para fazer a namorada desconstruir a imagem do outro e perceber os aspectos negativos de sua personalidade ele se utiliza da ironia ao relembrar atitudes do rival que, aparentemente, ao nível do parecer, portanto, seriam engraçadas, mas que, ao nível do ser, seriam pautadas pela imaturidade.

O eu caracteriza ainda o antissujeito como jovem e moderno parecendo, assim, constantemente atribuir-lhe características eufóricas:

Ele é moderno, decidido. Num restaurante não te oferece primeiro a cadeira, não observa se você tá servida, não oferece mais vinho. Combina, não é?, com um tipo de feminismo. A mulher que se sente, peça o que quiser, sirva-se, chame o garçom quando precisar. Também não procura saber se

você tá satisfeita. Eu sei que é assim que se usa agora. Até no amor. (ÂNGELO, 2003, p 14).

Porém, novamente atribui-lhe atitudes que seriam típicas de uma geração contemporânea avessa ao romantismo e que sugerem notadamente o traço de egoísmo do rival.

As atitudes do antissujeito aqui descritas estão relacionadas, por conseguinte, ao feminismo, ao modo do parecer, ao nível apenas da aparência. A modernidade, tempo desse sujeito, prega essas atitudes de autonomia da mulher com relação ao homem. Contudo, o que o eu deseja ressaltar, ao nível da imanência, é o egocentrismo dessa nova geração a que pertenceria o rival, não o eu. Por isso o antissujeito não se preocupa em saber se a mulher está satisfeita, inclusive no amor.

Após manter o foco sobre o modo de ser do antissujeito por grande parte da narrativa, o narrador direciona a atenção do narratário para suas próprias qualidades. “Também não vou dizer que ele é melhor do que eu em tudo. Isso não” (ÂNGELO, 2003, p. 14). Com isso, tem o objetivo de manipular a namorada por tentação, passando a explicitar e exaltar sua competência para levá-la a “querer fazer”, optar por ele, como objeto-valor.

Eu sei por exemplo uns poemas de cor. Li alguns livros, sei fazer papagaio de papel, posso cozinhar uns dois ou três pratos com categoria, tenho certa paciência pra ouvir, sei uma ótima massagem pra dor nas costas, mastigo de boca fechada, levo jeito com crianças, conheço umas orquídeas, tenho facilidade pra descobrir onde colocar umas carícias, minhas camisas são lindas, sei umas coisas de cinema, não bato em mulher. (ÂNGELO, 2003, p. 14).

A reiteração dos objetos modais “saber” e “poder” nesse excerto, manifesta a competência do sujeito manipulador, que, finalmente explicita suas qualidades eufóricas. Assim, percebe-se, que, ao contrário do rival insensível, imaturo e violento, que se revelara por suas

atitudes no campo dos esportes e na esfera das relações sociais, ele, por outro lado, exalta competências suas que têm em comum o traço semântico da “sensibilidade”, com o objetivo de levar a namorada a se sentir tentada pelos objetos-valores positivos que ele teria para oferecer a ela.

Observe-se, nesse sentido a reiteração do objeto modal “saber” que explicita as competências do sujeito “eu” no excerto citado. Em contraposição ao antissujeito, o eu revela-se um sujeito romântico “Sei uns poemas de cor”, que se preocupa com o outro “tenho certa paciência para ouvir”, inclusive no ato sexual “tenho facilidades pra descobrir onde colocar umas carícias” e não é violento “não bato em mulher”.

O narrador, enquanto sujeito, em seu papel de destinador-manipulador tem, pois, o intuito de manipular o seu narratário, de que ele seria o objeto-valor positivo por que ela deveria optar, e intenta levá-la a questionar o valor dos valores que ela perceberia no rival, pois eles seriam da ordem do *parecer*, mas *não ser*, ou seja, em termos de modalização veridictória, seriam mentirosos.

Assim, de forma implícita, o narrador tenta manipular seu narratário por tentação, oferece objetos-valores positivos relacionados a seu modo de ser para levá-la a querer fazer, objetivando convencê-la de que ele seria o objeto-valor por que ela deveria optar.

O narrador “eu”, como sujeito, assume ainda, outro papel o de destinador-julgador, que sanciona o antissujeito pelas suas ações e pelos valores com que ele se relaciona, e passa a revelar que os valores oferecidos por esse sujeito são da ordem da mentira, ou seja, no nível da manifestação parecem verdadeiros, mas na sua imanência não são. Enquanto os valores que ele próprio se atribui parecem e são verdadeiros.

O apelo final que dirige ao narratário, explicita o fazer persuasivo que exerceu ao longo de toda a narrativa, propondo-lhe que ela restabeleça o contrato consigo: “e não sou rancoroso. Leva a chave para o caso de querer voltar” (ÂNGELO, 2003, p. 14).

Desse modo, ao explicitar que não guarda mágoas em relação ao provável abandono que sofreria da namorada, afirmando que ela poderia mudar de ideia e voltar para ele, revela que ele tem consciência do fazer persuasivo que intentou exercer sobre ela e que, como sujeito virtual, ela poderia mudar de ideia em relação ao valor dos valores que ambos, ele, como sujeito, e o rival, como antissujeito teriam para lhe oferecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O narrador iniciou seu discurso, manifestando sua aparente incompetência, como sujeito de estado, frente ao rival, cujas qualidades ele exalta, mas o fazer saber que dirige ao narratário, como observamos ao longo da narrativa, é enganoso. Assim, ao nível da manifestação, ele parece estar conformado com o provável abandono da namorada, mas ao nível da imanência, isso se revela uma mentira.

A imagem do outro, que ele parecia exaltar e que parecia, portanto, positiva, revela-se mentirosa ao final do texto, ou seja, parecia ser verdadeira, mas não era verdadeira. E, por outro lado, a imagem negativa que aparentemente seria a sua, se revela, na verdade, uma imagem positiva.

Nesse sentido, ao desconstruir a imagem do rival, e ao mesmo tempo, reconstruir a sua própria imagem, o narrador tem por objetivo manipular a namorada por tentação, para levá-la a querer fazer: voltar para ele, elegendo-o como seu objeto-valor. Sabe-se que, na manipulação por tentação, o destinador manipulador oferece ao destinatário manipulado um objeto-valor positivo, objetivando levá-lo a “querer

fazer”. No caso de nosso texto, portanto, ao dizer para a namorada partir, como se manifesta pelo título do texto “Vai”, ele na verdade, está objetivando levá-la a querer ficar.

O texto apresenta nesse aspecto, as fases de sanção e de manipulação interligadas. Ao buscar manipular a namorada, seu narratário e interlocutário, o narrador, enquanto sujeito destinador, quer levá-la à passagem de um “não saber”, ou “saber” enganoso que ela detinha sobre o rival, por quem ela pretendia abandoná-lo, a um “saber” verdadeiro que ele intenta construir por meio de seu discurso.

Nesse sentido, ele quer desmascarar o antissujeito e, ao mesmo tempo, quer levá-la, como destinatário a ser manipulado a reconhecê-lo como seu verdadeiro objeto-valor. Ao fazer persuasivo do narrador, que se associa, pois, ao “fazer saber” para “fazer crer”, de acordo com Greimas (1983), deveria corresponder o fazer interpretativo do narratário, que estaria associado à crença no discurso do destinador manipulador, ou seja, o narrador.

Como não temos no texto a resposta do narratário, cabe-nos imaginar que, pelas estratégias enunciativas utilizadas pelo enunciador para construir o texto enunciado provavelmente o narratário, simulacro do enunciatário, seria levado a crer no discurso enunciado.

REFERÊNCIAS

ÂNGELO, I. *O ladrão de sonhos e outras histórias*. São Paulo: Ática, 2003.

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

_____. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2008.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

GREIMAS, A. J. *Du Sens II*. Paris: Seuil, 1983.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2011.